



FEIRA LIVRE DO CRATO/CE: ENTRE PROTAGONISMO E DECADÊNCIA

TAVARES, Cícero Antonio Jatanael da Silva¹

RESUMO

Este trabalho realiza uma abordagem sobre a feira livre do Crato/CE, no intuito de identificar os principais problemas enfrentados pelos feirantes que ocupam esse espaço. O ensejo da pesquisa surge em razão dessa feira livre ter sido considerada um importante fator econômico e cultural para o município, por atrair feirantes e consumidores de toda a região do Cariri cearense e estados adjacentes. Porém, é concebível entendê-la como um comércio em que se encontra em declínio, motivado por inúmeros fatores que serão descritos ao longo deste trabalho. Para alcançar os objetivos ora propostos, inicialmente fez-se o uso de levantamento bibliográfico, incluindo consultas a livros e artigos versando sobre outras feiras. Posteriormente, realizou-se um levantamento empírico, sendo aplicados questionários aos feirantes. Mediante a análise em estudo e de outras discutidas ao longo desta pesquisa, não restam dúvidas quanto ao fato dessa feira livre estar apresentando um processo decadente sob o viés econômico e cultural. Nesse sentido, surge a necessidade de uma reflexão a respeito.

Palavras-chave: Feirantes; Feira livre do Crato; Decadência.

FREE FAIR OF CRATO/CE: BETWEEN PROTAGONISM AND DECADENCE

ABSTRACT

This work performs an approach on the free fair of Crato/CE, in order to identify the main problems faced by the fairgoers who occupy this space. The research opportunity arises because this free fair was considered an important economic and cultural factor for the municipality, because it attracts fairgoers and consumers from all over the Cariri region of Ceará and adjacent states. However, it is conceivable to understand it as a trade in which it is in decline, motivated by numerous factors that will be described throughout this work. To achieve the objectives proposed here, initially the use of bibliographic survey was made, including consultations with books and articles dealing with other fairs. Subsequently, an empirical survey was carried out, and questionnaires were applied to the fairgoers. Through the analysis under study and other ones discussed throughout this research, there is no doubt as to the fact that this free fair is presenting a decadent process under the economic and cultural bias. In this sense, there is a need for reflection on this.

Keywords: Fairgoers; Free fair of Crato; Decadence.

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: jatanael.s@gmail.com. Registro ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2219-7727>.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza uma abordagem sobre a feira livre do Crato/CE, no intuito de identificar os principais problemas enfrentados pelos feirantes que ocupam esse espaço. Nesse sentido, permite-se a compreensão do papel e importância dessa feira livre nas escalas local e regional.

A ideia de pesquisar esse comércio surge intrinsecamente sob o propósito de ter sido percebida como um importante fator econômico e cultural para o município e adjacência, que com o passar dos anos vem perdendo esse prestígio, por consequência de inúmeros fatores que serão discutidos ao longo deste trabalho.

De modo breve, entende-se as feiras livres como ocupações comerciais que se constituem por barracas construídas com lonas ou madeiras, cômodos de alvenaria e/ou outras formas de construção móvel, onde nelas se encontra uma variedade de tipologias de mercadorias e com preços mais acessíveis frente aos modernos empreendimentos comerciais, como shoppings, supermercados e hipermercados.

É possível conceber que a ocupação de feirante surge como alternativa de renda e é responsável por ser o meio de sobrevivência financeira de milhares de famílias, e configura-se um fenômeno global. Assim, essa atividade é caracterizada como subemprego, isto é, uma situação econômica onde o indivíduo se encontra entre emprego e desemprego, tendo a capacidade de adquirir algum valor financeiro por intermédio do seu trabalho autônomo.

Preliminarmente, ainda se entende que, por vezes, as feiras livres perpassam constantemente por adversidades em sua manutenção, sobretudo, por conviverem de imbrólios com as autoridades públicas competentes, motivado pelo fato de geralmente ser realizada em locais considerados impróprios, como ruas, praças e calçadas, interferindo assim na mobilidade de automóveis e pedestres.

A descrição supracitada é um dos fatores centrais pertinentes as dificuldades que permeiam a feira livre do Crato, em razão de se situar na avenida José Alves de Figueiredo, um dos principais corredores urbanos do Crato, que em dias de comercialização fica com uma das vias interditada.

Nesse sentido, a princípio surgiram questionamentos, como: quais são as principais adversidades enfrentadas pelos feirantes do Crato? Qual a importância da feira livre para o município? Quais são os perfis dos feirantes? Havendo debates com o poder público, quais são os principais reveses? Quais as propostas frente aos problemas vivenciados atualmente? Esses questionamentos foram norteadores para o desenvolvimento da pesquisa e as suas respostas se encontram no decorrer deste trabalho.

Mediante essas problematizações, a pesquisa se subdivide em duas etapas centrais para ser alcançado os objetivos acenados. Inicialmente, fez-se necessário o uso de levantamento bibliográfico, em

que, dentre tantos pesquisadores, Pintaudi (2009), Bacurau (2009) e Gonçalves (2016) proporcionaram contribuições pertinentes às metas ora propostas. Na etapa seguinte foi realizado um levantamento empírico, sendo aplicados questionários aos feirantes do Crato.

Para tanto, não restam dúvidas quanto à necessidade de uma reflexão em relação a essa feira livre, sobretudo por ser permitida a compreensão de seu processo histórico, bem como a sua dinâmica espacial, e identificar as circunstâncias emissoras da decadência desta que foi considerada uma das maiores da região do Nordeste, ao lado das ilustres feiras de Caruaru, Campina Grande e Feira de Santana, nos estados de Pernambuco, Paraíba e Bahia, respectivamente.

2. CAMINHOS TRILHADOS

Esta pesquisa consistiu-se em uma análise tanto teórica quanto empírica. Com isso, teve-se a feira livre do Crato como área de estudos, em razão das circunstâncias já mencionadas.

Situada às margens da avenida José Alves de Figueiredo, no centro da cidade de Crato, essa feira se encontra em funcionamento uma vez por semana. Sendo responsável por gerar a renda financeira de muitas famílias, percebe-se que atualmente não está obtendo a mesma representatividade econômica de décadas passadas.

Admitindo-se a importância histórica dessa feira livre para o município, a saber, nesta pesquisa objetivou-se a identificação dos agentes promotores da decadência de vendas desta que representou um dos maiores símbolos econômicos e culturais da região do Cariri cearense.

Dessa forma, realizou-se um criterioso procedimento metodológico, para atingir os objetivos esquematizados. Para tanto, esta pesquisa foi dividida em duas etapas fundamentais: o uso de levantamentos bibliográficos e de levantamentos empíricos.

A princípio, fez-se a apreciação bibliográfica, versando por pesquisas pertinentes a essa abordagem. Essa etapa foi adversativa quanto aos levantamentos que tratem especificamente a respeito da feira livre do Crato, área piloto de estudo. Isso por conta da escassez de bibliografias que relatem sua trajetória histórica, como o registro de seu surgimento. Embora não tenha sido possível a obtenção de algumas respostas da área analisada, outras obras puderam abrir caminhos para o desenvolvimento deste trabalho.

Com isso, obteve-se contribuições, dentre tantos pesquisadores, em Pintaudi (2009), Bacurau (2009) e Gonçalves (2016), por abordarem sobre a feira livre do Crato e outras feiras da região do

Nordeste, bem como questões pertinentes a decadência desse setor mercantil, sendo ainda enfatizado nessas obras as questões voltadas aos processos históricos e dificuldades afrontadas ao longo de suas existências em seus respectivos campos.

Posteriormente, realizou-se o levantamento empírico no referido recorte espacial. Nessa etapa foi aplicado o uso de questionários aos feirantes. Com esse recurso, buscou-se a contemplação dos objetivos ora propostos. Dentre as inquietações, a saber, pretendeu-se identificar quais são as lembranças mais antigas que estes possuem da existência desse arranjo comercial, no intuito de ser desenvolvido um resgate histórico, assim como também houve interrogações pertinentes aos problemas que estes enfrentam atualmente para se manterem ativos nessa feira livre.

3. AS FEIRAS LIVRES COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

A palavra feira é de origem do latim *feria*, que significa dia santo ou feriado. Geralmente esse termo se dá a locais públicos em que abrigam uma concentração de barracas improvisadas, contendo uma variedade de tipologias de produtos, sob preços acessíveis aos consumidores, e costuma se inserir em espaços onde as vendas são mais intensas, como é o caso das cidades com grande concentração populacional.

Essa ocupação comercial é um dos meios mais antigos de negociação no mundo. Desde os primeiros indícios da sociedade dita “civilizada” já se evidenciava relações de trocas de produtos. Essa transação se dava mediante o excedente de produção, fruto das forças produtivas de cada indivíduo (SILVA, 2011).

Enquanto feira livre semelhante aos moldes atuais, inicia-se na Idade Média, onde pessoas se reuniam em praças para trocarem seus produtos. A partir desse período, expande-se pelo mundo, adequando-se aos costumes de cada local, conforme destaca Costa e Diniz (2017, p. 1), “as feiras são formas de comércio que surgiram na Europa ainda na Idade Média, bem como em outras partes do mundo, entretanto se ressignificaram ao longo do tempo, apropriando-se de novas simbologias e intencionalidades, adaptando-se as transformações sociais e culturais”.

Nesse sentido, pode-se completar que a sua ascensão ocorreu nos primórdios do capitalismo, e que em razão da globalização do capital, ocorreu uma intensificação de relações sociais, remodelando gradualmente o sentido de modernidade e os padrões e valores socioculturais, bem como as formas de sociabilidade, ideias, modo de agir e pensar (MAIA e CARNEIRO, 2014 apud ANDRADE, 2016).

No Brasil, surge logo após a chegada dos portugueses, porém demonstra-se uma demora quanto a seu intenso fluxo comercial e representação característica do que se compreende por feira livre. Em corroboração, Andrade (2016, p. 21) destaca que: “As feiras livres existem no Brasil desde o período colonial, modelo de tradição cultural e atividade comercial inserida pelos portugueses, que, quando aqui chegaram, introduziram seus costumes e crenças, estabelecendo seus próprios processos culturais.”.

A partir do século XVI, evidencia-se o surgimento das feiras livres em algumas localidades do país. Em Costa e Diniz (2017) conhece-se que germina primeiramente no Nordeste, nas cidades de Feira de Santana e da Vila de Conde, na capitania da Bahia, de Goiana e Itabaianinha, na capitania de Pernambuco, entre outras.

É relevante pensar nas suas transformações internas quanto a morfologia de origem e algumas características típicas, como quanto a organização, dinâmica e relação vendedor e cliente. Essas mudanças surgem diante das necessidades que o mercado lhes coloca para se manterem em evidência frente às novas exigências (COSTA e DINIZ, 2017).

Interessante refletir ainda quanto à função social das feiras livres, que podem se estabelecer como promotoras do crescimento urbano. Determinado pela aglomeração de pessoas e a necessidade de abastecimentos de produtos essenciais para as suas permanências nas localidades, esse ramo mercantil se estabelece e contribui para a produção do espaço.

Em consonância com essa abordagem, Silva (2011) relata que diversas cidades se aproveitaram desse comércio para os seus respectivos nascimentos, como é o caso de Cruz das Almas, na Bahia, em que sua fundação se liga a dois fatores: a fixação da cruz de madeira no centro de um pequeno povoado, bem como por conta dos fluxos promovidos pelos tropeiros e outros tipos de comerciantes que precariamente formaram a comunidade, vila e finalmente a cidade de Cruz das Almas.

Atualmente, o Brasil comporta algumas feiras com um poder de influência em nível nacional, como é o caso da feira de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, uma das maiores produtoras e distribuidoras de roupas *jeans* do país, bem como as feiras de Caruaru e Campina Grande, situadas nos estados de Pernambuco e Paraíba, respectivamente.

Assim como há a existência de feiras renomadas, como é o caso dessas supracitadas, há ainda a existência de feiras decadentes, autossustentadas em meio a uma visão marginalizada pelo poder público. Isto é, sem os devidos reconhecimentos que deveriam obter, em razão dos potenciais econômicos que representam (COELHO, 2008).

Analisando sob o viés social, é possível confirmar essa visão marginalizada desse comércio perante as autoridades políticas. Por vezes, esse conflito se dá devido esses vendedores ambulantes

ocuparem estabelecimentos públicos considerados impróprios, como calçadas, praças e vias urbanas, e sem o devido alvará de regularização. Em casos específicos, o poder público age de forma mais agressiva, destruindo todos os produtos da feira (SILVA, 2006).

Entende-se ainda que esses fatores adversativos contribuem para as suas migrações forçadas para outras feiras, e em casos particulares ainda interferem diretamente no prosseguimento dos feirantes nesse ramo (SILVA, 2006).

Um outro ponto a se destacar se encontra quanto ao fato de que, por vezes, ocorre um confisco dos produtos ofertados, por conta da sua origem duvidosa, ou ainda por não ser realizado a devida legalização para a venda dos produtos em determinados espaços públicos (KOPPER, 2015).

Sob o viés econômico, é possível refletir em Coelho (2008) que esse arranjo possa ser concebido como um instrumento de desenvolvimento e prática de cidadania. Ao negociar a sua produção, os feirantes adquirem renda que lhes servem de sustento financeiro, propiciando o direito a possivelmente usufruir das necessidades básicas de sobrevivência.

As feiras livres chamam a atenção dos clientes por causa da exposição de uma diversidade de produtos, sejam estes voltados para o setor têxtil, industrial, agrícola, dentre tantos outros, e também pelo baixo custo ofertado por essas mercadorias, mesmo possuindo uma informação difundida no cotidiano de que os produtos adquiridos nesses estabelecimentos não possuem as mesmas qualidades que aqueles encontrados em grandes centros comerciais, como hipermercados e shoppings.

Ampliando a análise, admite-se pensar que o consumo em massa é indissociável do capitalismo, logo, como prática é preciso estar sempre se reproduzindo para se manter operante. O fator que mais contribui para o consumo em massa é a mídia, responsável por ditar modas. Porém, apenas uma pequena parcela de pessoas consegue segui-la. Para a classe baixa, usufruir dos produtos que estão em tendência, por vezes, torna-se inacessível. A partir dessa realidade, aparece então a oportunidade de comprar produtos de marcas genéricas. Muitas das quais são encontradas a preços mais acessíveis nas feiras livres. Em consonância com essa prerrogativa, Costa (2004, p. 166) entende que:

Em sintonia com a moral do espetáculo, a mídia visa, sobretudo, a tornar as visões de mundo particulares plausíveis e convincentes. É assim que a massa dos indivíduos é levada a querer imitar o estilo de vida dos ricos, poderosos e famosos. A mimetização, contudo, é mantida em rédeas curtas, dada a dificuldade que a maioria tem de ascender socialmente, até poder ser incluída no círculo dos privilégios. O único item do mundo “exclusivo” à disposição do indivíduo comum é a imagem do corpo. Possuir um corpo como o dos bem-sucedidos é a maneira que a maioria encontrou de aceder imaginariamente a uma condição social da qual está definitivamente excluída, salvo raríssimas exceções.

Portanto, percebe-se que é comum uma parcela da classe baixa almejar seguir as tendências da moda, mesmo apresentando vulnerabilidade econômica. Para isso, há uma logística por trás do produto em status. Isto é, quando algo é produzido, mediante o uso da mídia e de vários outros recursos, coloca-se uma falsa necessidade nos produtos para que as pessoas o adquiram. Porém, em razão da classe baixa não possuir o mesmo poder de compra que a classe alta para adquirir a mercadoria dos grandes empreendimentos, estes se direcionam aos produtos das feiras livres. Quanto às falsas necessidades em que o sistema nos coloca, Marx (1974, p. 116) afirma que:

A produção não se limita a fornecer um objeto material à necessidade, fornece ainda uma necessidade ao objeto material. Quando o consumo se liberta da sua rudeza primitiva e perde seu caráter imediato – e não o fazer seria ainda o resultado de uma produção que se mantivesse num estágio de primitiva rudeza –, o próprio consumo, enquanto impulso, é mediado pelo objeto. A necessidade que sente desde objeto é criada pela percepção do mesmo. O objeto de arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza. Portanto, a produção não se cria somente um objeto para o seu sujeito, mas também um sujeito para o seu objeto.

Ressalta-se ainda uma visão marginalizada quanto ao consumo de produtos oriundos das feiras livres, isso porque nesse novo cenário comercial o espaço se tornou uma mercadoria, passando a possuir valor e significado na dimensão do consumo. De fato, há uma modificação pelos consumidores quanto aos estabelecimentos selecionados para exercer o uso de seu poder de compra, e isso se configura como um fenômeno global. Onde antes era nítido a preferência pelas feiras livres, agora estão optando por empreendimentos renomados pela publicidade. Hoje, consome-se não mais apenas o produto adquirido, mas também o ambiente dos produtos vendidos. Aos olhares dos consumidores, os supermercados, hipermercados e shoppings centers, contém mais status do que as feiras (PINTAUDI, 2009).

Dessa forma, é possível complementar que o que torna um estabelecimento diferenciado dos demais são as marcas de produtos ofertadas. Isto é, para que um supermercado ou shopping center esteja à frente das feiras livres, é disponibilizado os produtos que são propagados pela mídia, que a feira em si não poderia ofertar por conta da condição econômica dos feirantes, em que se pode considerá-los como inferior financeiramente aos de donos de grandes corporações. Com isso, essas feiras livres passam a ser configuradas como inferiores na escala comercial. Em acordo, Pintaudi (2009, p. 61) afirma que: “Hoje, o lugar da compra, tal como a mercadoria a ser comprada, deve ser diferenciado, deve ter uma marca que o distingue de outros que contém mercadorias que não seriam distinguidas e valorizadas se assim não fosse.”.

A partir dessa contextualização, compreende-se que as feiras livres se constituem enquanto espaços de lutas e resistências, e que exercem um importante papel enquanto promotora da ascensão social tanto dos feirantes, por obterem suas fontes de renda, quanto dos consumidores que almejam adquirir os produtos desejados com preços mais acessíveis no mercado.

4. DESAFIOS E PERSPECTIVAS QUANTO A FEIRA LIVRE DO CRATO

A feira livre do Crato situa-se na Avenida José Alves de Figueiredo, no centro da cidade, e é comercializado semanalmente em dias de segundas-feiras. Crato, por sua vez, localiza-se na região do Cariri cearense, possuindo uma população de 121.428 habitantes (IBGE, 2010), e é um dos municípios mais antigos do interior cearense, sendo emancipado em 1853, quando ainda denominava-se Vila Real do Crato.

Admite-se que Crato comporta atualmente uma gama de médios e grandes empreendimentos que movimentam a economia local. Porém, em décadas passadas o que se evidenciava era a dominância do fluxo comercial voltado para as atividades da feira livre. É possível constatar, então, que esse arranjo é berço de ilustres histórias e representa um símbolo de luta e resistência em seu contemporâneo momento de ocupação.

Oliveira e abreu (2010) afirmam que a feira livre do Crato era bastante movimentada e reconhecida como a maior do estado cearense no tocante ao seu porte de negócios e concentração popular, onde reunia um aglomerado de comerciantes e consumidores oriundos de diversas regiões do Nordeste brasileiro, principalmente dos estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba.

Apesar de não haver dados oficiais que datem o seu surgimento, Bacurau (2009) conta que há encontros de feirantes na cidade cratense desde pelo menos a década de 1950. Enquanto isso, a partir de conversas com pessoas idosas do município, é descoberto que se situa no local há mais de 100 anos. A afirmação desses populares se deu perante suas recordações enquanto adolescentes, em que ouviam seus pais e avôs comentarem a respeito dessa feira livre. Sob esse último registro, é possível relatar, então, que essa feira livre exista, no mínimo, desde a década de 1910.

Aponta-se ainda que o seu ápice comercial ocorreu durante a década de 1960, onde foi considerada uma das maiores do Nordeste em volume de negócios, sendo comparada a renomadas feiras, como a de Caruaru, em Pernambuco, e de Campina Grande, na Paraíba (BACURAU, 2009).

Em consonância com a informação supracitada, esse meio comercial também é registrado como um dos responsáveis pela formação das primeiras centralidades no Nordeste, conforme ressalta Gonçalves (2016, p. 79):

As feiras nordestinas características das cidades do sertão e do agreste muito contribuíram para a formação de centralidades. Podemos citar as feiras de Caruaru, em Pernambuco, do Crato, no Ceará, de Campina Grande, na Paraíba, de Feira de Santana, no Sertão baiano, além da feira de Água de Meninos (São Joaquim), na capital, Salvador/BA.

Mediante o levantamento empírico, foi constatado que a feira livre do Crato é concentrada atualmente por cerca de 220 feirantes, distribuídos em aproximadamente 75 barracas, oriundos de diversos municípios cearenses e de estados adjacentes, onde ocupam-se de um espaço de 300 metros sob uma das vias da avenida José Alves de Figueiredo. Entre eles existe um fiscal, no intuito de estabelecer uma melhor comunicação entre os ocupantes, bem como entre estes e o as autoridades públicas responsáveis pelo setor comercial do município. Esse líder da feira conta que em razão da dispersão de feirantes ao longo dos últimos meses, não tem obtido um controle preciso do número destes que se instalam semanalmente nessa feira livre. Porém, é possível ser apontando que exista uma proximidade aos dados supracitados.

Para a aplicação do questionário foi utilizado um total de 48 feirantes. A opção por esse quantitativo se deu em razão da viabilidade de acesso para a aplicação desse recurso, uma vez que muitos outros feirantes não desejaram responder esse questionário.

No tocante a origem dos feirantes participantes dessa etapa da pesquisa, averiguou-se particularidades interessantes. As cidades identificadas foram: Juazeiro do Norte, Crato e Potengi, no Ceará, e Araripina, em Pernambuco. Foi constatado que um expressivo número é oriundo de Juazeiro do Norte, e sendo uma quantidade baixa residente do município sede (Tabela 1).

Tabela 1 - Cidade de origem dos feirantes

Origem	Quantidade
Juazeiro do Norte/CE	33
Crato/CE	9
Potengi/CE	3
Araripina/PE	3
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Constatou-se ainda que há uma expressividade quanto a participação masculina nesse comércio, ao ser percebido que dos 48 vendedores ambulantes submetidos ao questionário, 27 contemplam esse sexo. Sendo, então, 21 do sexo feminino (Tabela 2).

Tabela 2 - Sexo dos feirantes

Sexo	Quantidade
Masculino	27
Feminino	21
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Dados despontam que há uma predominância de feirantes na faixa etária de 51 a 60 anos. Observa-se ainda que não há nem um com idade inferior a 40 anos, o que leva a supor que essa feira pode estar evidentemente caminhando para o seu fim, isso porque os filhos desses comerciantes estão optando por seguir outras profissões, contrariando a lógica hereditária encontrada presentemente, onde muitos dos atuais feirantes são filhos de também feirantes (Tabela 3).

Tabela 3 - Faixa etária dos feirantes

Faixa etária	Quantidade
Até 30 anos	0
31 a 40 anos	0
41 a 50 anos	12
51 a 60 anos	18
61 a 70 anos	12
71 anos ou mais	6
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Além do perfil dos feirantes, nesse trabalho empírico procurou-se o diagnóstico dos principais problemas enfrentados por eles. Dentre tantas adversidades, é destacado inicialmente as queixas quanto ao fato de não estarem conseguindo obter renda financeira suficiente para os seus sustentos. Assim, relatam que em muitas ocasiões o valor adquirido com a venda semanal não cobre sequer os custos da locomoção até o local de concentração desse comércio, e ainda que convivem com a constante busca em conciliar a ocupação de feirante com outros meios que lhes gerem renda complementar (Tabela 4).

Tabela 4 - Conciliação da ocupação de feirante com outra fonte de renda

Concilia a ocupação de feirante com outra fonte de renda?	Quantidade
Sim	39
Não	9
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Além dos que já conciliam a ocupação de feirante com outras formas de obtenção de renda financeira, há aqueles em que buscam comercializar em outras feiras, em cidades e estados vizinhos, para não ter que conciliar seu ofício de feirante com outro ramo mercantil. 39 dos 48 que responderam ao questionário afirmam que frequentam outras feiras, enquanto 9 conseguem lucro suficiente apenas com a comercialização no Crato, ou conciliam com outra profissão na sua cidade de origem (Tabela 5).

Tabela 5 - Instalação em outras feiras livres

Costuma ir a outras feiras em intervalos da feira livre do Crato?	Quantidade
Sim	39
Não	9
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Nesse sentido, constatou-se que uma maioria afirmou que se instalam em pelo menos duas ou três feiras livres, em municípios adjacentes (Tabela 6). Essa ocupação se dá em dias alternativos a feira livre cratense, e conforme apurado geralmente ocorre nas feiras de Juazeiro do Norte, Jardim e Barbalha, todos esses municípios cearenses. Casos isolados ainda apontaram que frequentam as feiras de Potengi e Araripina, situados nos estados de Ceará e Pernambuco, na respectiva ordem.

Outro ponto em destaque remete as suas condições de trabalho na feira livre do Crato, onde relatam que são obrigados a trabalharem sob a ausência de saneamento básico, em razão de sua concentração comercial se situar as margens do canal do Grangeiro. Esse espaço, em muitos momentos libera um odor desagradável àqueles que frequentam esse comércio.

Tabela 6 - Quantidade total de feiras livres em que se instalam

Qual a quantidade de feiras que costuma ir semanalmente?	Quantidade
Uma	9
Duas	18
Três	12
Quatro	6
Cinco	3
Total	48

Fonte: Pesquisa de campo (2021)

Embora as autoridades públicas do município já tenham tentado realocá-los para outro espaço, os feirantes optam por resistirem no local, mesmos com as reclamações de insalubridade. A reivindicação desses ocupantes é de haja reformas quanto à ausência de higiene ou ainda de que se forem transferidos para outra área, que seja também no centro da cidade, onde o fluxo de pessoas é mais intenso. A prefeitura, por sua vez, segundo relato dos feirantes, afirma não encontrar espaços públicos disponíveis nesse trecho reivindicado, restando-lhes a opção de ida para às margens da cidade, o que restringiria o acesso de muitos consumidores e, conseqüentemente, desencadearia em uma redução de vendas.

Ainda em destaque enquanto adversidades enfrentadas por esses ocupantes, a reclamação que mais se sobressai se encontra quanto a diminuição significativa da clientela, por estarem optando por usufruir da produção dos estabelecimentos modernos em seu entorno. Os feirantes alertam ainda sobre as novas exigências dos consumidores, como quanto a possibilidade de pagamento pelo cartão de crédito. No entanto, uma parcela desses vendedores ambulantes afirma que tem dificuldade para aprender a manusear a maquineta do cartão de crédito, e com isso opta por receber o pagamento das vendas em dinheiro em espécie.

Um fato peculiar quanto ao declínio dessa feira livre, explica-se ante a condição atmosférica da região do Cariri cearense. Segundo os vendedores, uma parte considerável dos clientes são moradores da zona rural, que sobrevivem financeiramente da agricultura familiar, e devido a produção agrícola não estar sendo bem-sucedida quanto em outros tempos, por conta da ausência de chuvas com intensidade satisfatória para ter uma boa colheita, conseqüentemente, eles não estão conseguindo uma renda financeira suficiente para consumirem os produtos da feira livre.

Os feirantes se queixam ainda que as vendas diminuam ao ponto de atualmente estarem expondo os seus produtos para negociação somente por resistência aos tempos obscuros que estão

passando, motivados pela esperança de dias melhores. No entanto, os mais desacreditados já estão desistindo de instalar suas barracas em Crato, ocorrendo, então, a diminuição gradual de vendedores ambulantes no local.

Adentrando a outro ponto fundamental, admite-se uma ausência de valorização do poder público quanto à existência da feira livre, embora esta tenha guardado em si um importante contexto econômico e cultural, que deveria ser assentado como um patrimônio histórico municipal. Nas palavras de Coelho (2008, p. 21) compreende-se o porquê do desinteresse, ao relatar que:

[...] o que ocorre na grande maioria dos casos é que a feira livre passa despercebida por muitas administrações municipais, que não a encaram como um evento tradicional, mais uma paisagem do município, não merecedora da atenção especial na formulação de políticas ou programas públicos de desenvolvimento, desperdiçando, assim, muito de sua potencialidade.

Diante da abordagem utilizada ao longo deste trabalho, é evidente a insatisfação dos feirantes em relação ao apoio por parte do poder público. Percebe-se que, se não houver incentivos para a continuidade da feira, o futuro desse arranjo comercial tenderá para um possível fim.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos levantamentos e análises realizados compreende-se a importância em se considerar a representação histórica dessa feira livre para o município e região, bem como a sua importância enquanto fonte de renda para muitas famílias, mediante as inúmeras razões aqui explanadas. Porém, hoje já não se vê esse prestígio frente a população cratense, assim como perante as autoridades políticas do Crato.

Atualmente é tratado apenas como mais um estabelecimento em decadência, onde vem perdendo gradativamente o seu real valor, tanto sob o viés econômico quanto cultural. Espaço este que já foi palco de apresentações de artistas de ruas, local de encontros entre amigos, dentre tantas outras funcionalidades, e que hoje apresenta um futuro incerto.

Nesse sentido, espera-se uma ação do poder público municipal e seus representantes políticos, a ponto de interferir na manutenção e fortalecimento dessa feira livre. Mudanças essas que poderiam ocorrer com a possibilidade de oferta de melhores condições de trabalhos aos feirantes, bem como com uma valorização quanto a sua história econômica e cultural, e trabalhando o seu potencial econômico que

pode futuramente voltar a apresentar, atraindo mais consumidores do município e adjacências, assim como feirantes de outras regiões.

O que se pode concluir é a necessidade de mais diálogos entre feirantes e as autoridades responsáveis, sendo este último já considerado como derradeira alternativa a ser utilizada para reerguer o fluxo comercial dessa feira livre que já foi considerada uma das maiores do Nordeste.

Em linhas gerais, perante esta pesquisa, é possível ser realizado um convite para uma discussão mais ampla quanto à luta pela sobrevivência das feiras livres. O acontecimento diagnosticado em Crato configura-se como um fenômeno global e diante da historicidade que muitos desses arranjos comerciais trazem na bagagem, necessita-se repensar alternativas de resistência frente as exigências capitalistas contemporâneas.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alexsandra Araújo de. **A feira livre de Caicó-RN: um cenário de tradição e resistências as novas estruturas comerciais modernas.** Monografia (Graduação em Geografia) – Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016, 84p.

BACURAU, Luiz Ronaldo de Brito. **A importância econômica e social da feira do Crato.** Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Regional do Cariri, 2009, 60p.

COELHO, Jackson Dantas. **Feiras Livres de Cascavel e de Ocara: Caracterização, análise da renda e das formas de governança dos feirantes.** Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, 2008, 152p.

COSTA, Gustavo dos Santos; DINIZ, Lincoln da Silva. Feiras livres regionais: estudo de caso acerca das transformações comerciais na feira de Sumé-PB. In: III Seminário Regional Comércio, Consumo e Culturas nas Cidades. **Anais [...].** Sobral, 2017, p. 1-15.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular: estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; apazível, Sobral-CE e Serrinha-BA.** Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016, 327p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico de 2010.** Rio de Janeiro, 2011.

KOPPER, Moisés. De camelôs a lojistas: a transição do mercado de rua para um shopping em Porto Alegre. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, p. 591-605, 2015.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.). **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, 107-138.

OLIVEIRA, João Cesar Abreu; ABREU, Roberto Cruz. Resgatando a História de uma Cidade Média: Crato capital da cultura. **Revista Historiar**, Sobral, v. 2, p. 244-262, 2010.

PINTAUDI, Silvana Maria. Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo. In: CARRERAS, Carlos; PACHECO, Susana Mara Miranda (Org.). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009, p. 55-61.

SILVA, Daciane de Oliveira. Dinâmica espacial da feira livre de Cruz das Almas: uma leitura a partir das proposições de gestão e planejamento municipal. In: II Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia. **Anais [...]**. Vitória da Conquista, 2011.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. De Feira da Banana à Feira Manaus Moderna: trabalho e cidade de Manaus. In: XVIII Encontro Regional de História – o historiador e seu tempo. **Anais [...]**. São Paulo, 2006.